

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

MARILDA GOMES DA SILVEIRA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ENSINO DA DIVERSIDADE CULTURAL EM UM
CURSO NA ÁREA DA SAÚDE**

Porto Alegre

2014

MARILDA GOMES DA SILVEIRA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ENSINO DA DIVERSIDADE CULTURAL EM UM
CURSO NA ÁREA DA SAÚDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Federal do Rio Grande do Sul –
UFRGS como requisito parcial para a obtenção
do grau de licenciada em Psicologia

Orientador: Prof^ª Dr^ª Rosangela Soares

Porto Alegre

2014

Á Eloa, pela vida, que me foi dada duplamente.

O ENSINO DA DIVERSIDADE CULTURAL EM UM CURSO NA ÁREA DA SAÚDE

Marilda Gomes da Silveira Eckert¹

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Rosangela Soares²

RESUMO

O presente trabalho trata de um relato de experiência, sobre a vivência teórico-prática de docência em psicologia, no Curso Técnico em Registros e Informações em Saúde – CTRIS, no Grupo Hospitalar Conceição. Abordando, dentro da disciplina de Ética e Relações Humanas a questão da diversidade cultural – seu estudo e suas implicações na formação do profissional em saúde. Com o intuito de elucidar o trabalho, investigo o que é diversidade cultural, suas esferas e desdobramentos, e por fim, faço o relato sobre essa experiência, através da minha perspectiva, bem como do retorno feito pelos alunos com os quais desenvolvi este trabalho.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

² Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 ESCOLA GHC.....	6
3 CURSO TÉCNICO EM INFORMAÇÕES E REGISTROS EM SAÚDE.....	8
4 A PSICOLOGIA NO CTRIS.....	9
5 A DIVERSIDADE.....	11
6 A DIVERSIDADE NO CTRIS.....	17
7 CONCLUSÃO.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

“E imersos neste labirinto de encruzilhadas, a vida nos pede velocidade quando já não somos leves; quer nos levar a caminhos escuros pouco breves; exige-nos escalar para pontos distantes, como se fôssemos um pequeno pássaro voando para além das nuvens. Em direção ao sol ficamos cegos. A vida é um eterno andar de costas. E seguimos como o Curupira: olhando o passado e despistando o destino (TONNETTI ; MEUCCI, 2013, p.10-11)”

O presente trabalho tem como finalidade o relato de uma experiência no curso de Técnico em Registro e Informações em Saúde (CTRIS), na escola do Grupo Hospitalar Conceição (GHC). Neste local realizei o estágio curricular do curso de licenciatura em psicologia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O tema abordado no presente relato será o “ensino da diversidade”, conteúdo da disciplina de Ética e Relações Humanas desse curso técnico. Esse trabalho visa relatar como a diversidade humana foi trabalhada e construída com o grupo de alunos em formação nessa escola.

Nessa prática docente foram estudados e aprofundados temas como: preconceitos, estereótipos, ética aplicada à saúde, e relações humanas.

O trabalho foi realizado em dois semestres, com o mesmo grupo de alunos, estando eles no primeiro e depois no segundo semestre. Esse grupo era formado por dez alunos, porém, frequentando, em torno de sete.

O tema diversidade – dentro da disciplina de Ética e relações humanas, vem ao encontro da percepção de que este é um estudo de fundamental importância nos cursos de formação em saúde. Porém, este estudo será apenas com o CTRIS, devido a ser o curso que eu, como estagiária em docência de psicologia, pude acompanhar desde o início deste estágio.

Para aprofundar o tema em questão será utilizado como referencial teórico, principalmente, o autor Paulo Freire. A teoria de Paulo Freire será usada para aprofundarmos a questão da educação como libertação, estímulo à autonomia e como educação problematizadora.

Não obstante, a indagação mais recorrente no texto é: Como o currículo de um curso da área da saúde aborda a diversidade cultural, contemplando o ser humano, em suas diferentes particularidades?

Através desta pergunta conseguirei explanar de forma mais contumaz minha experiência de estágio em docência de psicologia.

A disciplina de Ética e relações humanas possibilitou muitas opções para o trabalho desenvolvido com o grupo de alunos do Curso de Técnico de Registros e Informações em Saúde - CTRIS. A ética, durante as aulas, foi pontuada não apenas em seu contexto histórico e conceitual, mas também e principalmente, no seu aspecto reflexivo.

Utilizarei dados referentes as Diretrizes Curriculares Nacionais, dos profissionais da área da saúde, como uma forma de aporte e auxílio.

É claro que o tema em estudo é bastante amplo e complexo, portanto, não esgotarei o assunto, nem tampouco, analisarei todas as suas nuances, apenas referirei sobre o assunto em uma situação de prática pedagógica, dentro da psicologia, na disciplina de Ética e Relações Humanas.

2 ESCOLA GHC

O Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em saúde – Escola GHC, está localizado na Avenida Francisco Trein, número 596, e é uma das unidades que compõem a rede de serviços do Grupo Hospitalar Conceição. Foi criado em 28 de Outubro de 2009, através da resolução do Conselho de Administração do Grupo Hospitalar Conceição. Tem como objetivo primeiro formar profissionais preparados para atuar no Sistema Único de Saúde (SUS), aproveitando o conhecimento e a experiência desenvolvidos no âmbito dos serviços da instituição.

A escola GHC passou a ofertar a partir de 2010 formação técnica profissional e ampliou as opções de cursos de pós-graduação, através de parcerias com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), através da Resolução 012/09, com base no artigo 6º inciso III da Lei 8080/90, a Lei Orgânica do Sistema Único de Saúde, a qual inclui como campo de atuação do SUS a ordenação da formação de recursos humanos na saúde. (ESCOLA GHC, 2012, p.13).

Tem como eixos norteadores os princípios e diretrizes do SUS, buscando desenvolver políticas e práticas de ensino, pesquisa e extensão. Suas ações visam “fortalecer a cooperação técnico-científica, produção e divulgação de informação científica e de inovação no campo da saúde”, também, “seu objetivo é de qualificar a atenção, a gestão, a formação e a participação

social no sistema de saúde e ampliar as possibilidades social e econômica, também propiciando uma instituição pública, democrática e popular” (ESCOLA GHC, 2012).

Com relação aos cursos técnicos da escola, estes são: Técnico em Registros e Informações em saúde e Técnico em Enfermagem.

A escola GHC é uma instituição que atua de forma vinculada ao hospital GHC, uma parte da sua administração localiza-se no prédio do hospital.

Enquanto equipe de estagiários, fomos muito bem recebidos e acolhidos pela equipe de profissionais que atuam na escola, com um pronto atendimento em nossas solicitações e necessidades enquanto docentes.

A estrutura física da escola também é muito boa, as salas são claras, amplas e arejadas, contam ainda com ar-condicionado, cadeiras em bom estado de conservação, computador, data-show, enfim, tudo muito adequado ao contexto sócio-educativo da escola.

Com relação ao apoio pedagógico também, ao mesmo tempo em que, tivemos autonomia para “criar” nossas aulas – e aqui cito criar, como criatividade, como criação – também tivemos orientação, auxílio, como embasamento ao nosso fazer pedagógico na escola, o que nos proporcionou uma vivência rica e prazerosa, condizente com os reais objetivos de uma prática de ensino-aprendizagem, em que pese a boniteza de ensinar, pois como diz Freire (1996, p.26):

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

E nesse contexto procurei trazer o estudo sobre a diversidade cultural; Diversidade de raça, gênero, religião, etc... Por tratar-se de tema necessário e muito adequado ao que é enfatizado na escola GHC.

3 CURSO TÉCNICO EM INFORMAÇÕES E REGISTROS EM SAÚDE

O Técnico em Registros em Informações em Saúde – TRIS³, tem a função de atuar com conhecimentos técnicos nas atividades relacionadas à documentação, registros e estatísticas de dados em saúde. A proposta do CTRIS valoriza o contexto do trabalho, “despertando nos profissionais de nível médio a importância da reflexão crítica sobre suas práticas, seu cotidiano, e a inserção de conhecimentos técnicos nas atividades que envolvam a informação para saúde”. (ESCOLA GHC, 2012).

O CTRIS foi regulamentado pelo Ministério da Saúde, ressaltando-se que para a formação dos trabalhadores de nível médio da área da saúde deve-se observar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação profissional de Nível Técnico, estabelecidos pelo Ministério de Educação, conforme o Parecer no. 16/1999 e o Decreto no. 5.154, de 23 de julho de 2004; E em 18 de Dezembro é criado o Programa de Formação de Profissional de Nível Médio para a Saúde – PROFAPS. Este programa do Ministério de Saúde, tem como uma de suas responsabilidades, estimular, acompanhar e regular a utilização dos serviços de saúde, em seu âmbito de gestão, para atividades curriculares e extracurriculares dos cursos de formação técnica de nível médio.

Os cursos técnicos oferecidos pela Escola GHC caracterizam-se como educação profissional de nível subsequente. Para ingressar como aluno na escola, os alunos devem ter certificado de conclusão do ensino médio ou equivalente, e precisam ser aprovados em processo seletivo, atualmente realizado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). Nesta modalidade de curso técnico existe também a possibilidade de optar pelo ingresso utilizando o resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Após concluído o curso técnico subsequente com aproveitamento, o aluno receberá diploma de profissionalização em nível técnico. (ESCOLA GHC, 2012).

A grade curricular do CTRIS prioriza a formação humanística dos alunos, então são disciplinas como: Construção de dados e saúde I e II, A realidade e os desafios da informação em saúde; Avaliação em saúde I e II; A informação nos processos decisórios I e II; Indicadores em saúde; Prática profissional simulada I e II; Os sistemas de Informação em saúde.

Esse currículo mostra a ênfase dada pela escola a diversidade de conteúdos, bem como ao aspecto da saúde, sendo que o currículo é algo muito importante em uma escola, pois:

³ TRIS refere-se ao profissional - Técnico em registro e informações em Saúde, ou seja, aquele que é formado pelo Curso Técnico em Registro e Informações em Saúde.

É uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. Neste sentido, o currículo refere-se à organização do conhecimento escolar. (VEIGA, 1995, p 26-27).

4 A PSICOLOGIA NO CTRIS

A docência em Psicologia é uma área relativamente nova, que faz movimentos ora de expansão e ora de fechamento, numa constante de vida em ebulição. Mas, agora, parece que isto está mudando. Parece que está havendo um “insight”, um dar-se conta, que é necessário ocuparmos um espaço que aparentemente está vago, ou pior, está sendo ocupado por outras categorias de profissionais que mobilizaram-se, uniram-se em prol de desempenhar as funções referentes a sua formação, como exemplo, os profissionais formados em Filosofia.

Setores como ABEP (Associação Brasileira de Ensino de Psicologia), Conselhos Regional e Federal de Psicologia, e Sindicatos de Psicologia, começaram então a organizar-se com o intuito de trazer de volta o ensino da Psicologia no Ensino Médio, cursos técnicos e profissionalizantes.

A Psicologia, como campo de saber e de atuação, têm muito a contribuir com todas as áreas da sociedade. Mas, sobressai-se a urgência da manutenção e da ampliação do ensino em Psicologia como uma das áreas principais no âmbito educacional.

Enquanto docência, possibilita ao professor de Psicologia, um contato com grupos de jovens e adultos, oportunizando a este educador o despertar de interesses e motivações, a fim de que tenham o “desejo” de aprender, de trocar experiências.

Também, acreditamos na docência de Psicologia como um campo vasto não só de atuação – se este for conquistado pelos profissionais – como também de pesquisa e divulgação de saber.

Então, Leite (2007, p.24) nos diz que:

Como ponto de partida, assumimos que a Psicologia, enquanto área de produção de conhecimento científico e também como área de exercício profissional, tem uma contribuição fundamental para o desenvolvimento educacional dos jovens do ensino médio. Tal contribuição relaciona-se com o processo de constituição destes jovens como cidadãos críticos e participantes, auxiliando-os na superação do processo de alienação, muito presente em uma sociedade injusta como a nossa.

Percebemos o momento atual como crucial para a Licenciatura em Psicologia, pois agora é mais do que necessário que lutemos pelo espaço da Psicologia não só nos cursos técnicos, profissionalizantes e de ensino médio, mas (sendo bastante utópica) em toda a educação básica.

Agora devemos mostrar a importância da disciplina Psicologia nesses segmentos educacionais citados, convictos de que temos um grande papel social a cumprir com este ensino.

Sobre isso, nos fala Leite (2007, p.19):

O desafio, portanto, que se coloca para a disciplina Psicologia, no ensino médio, também está posto: trata-se de participar do esforço de recuperação das dimensões humanizantes e humanizadoras, que sofreram um duro golpe no período pós-64, e, atualmente, com a disseminação da visão do neoliberalismo.

As aulas no CTRIS, ocorreram todas no período da manhã, das 8:00 às 12:00, em média de uma vez por semana. Tínhamos a orientação de técnicos educacionais do GHC, que nos apresentaram o trabalho, e qual a melhor metodologia a seguir; Mesmo assim, tivemos – pois no primeiro semestre de estágio trabalhamos fizemos a docência compartilhada – bastante apoio para desenvolvermos um trabalho de forma autônoma, a partir daí, fizemos a construção de um trabalho bem orientado e com a participação de todos os estagiários em todas as suas fases, desde o planejamento até as aulas propriamente ditas.

Trabalhamos organizados em forma de temáticas, pois, dentro do que nos era orientado pelo GHC, parecia ser o mais adequado, então abordamos temas como: a diversidade cultural, a gestão do cuidado, vida pessoal e profissional, ética e moral, bioética.

Como o tema deste trabalho é Diversidade Cultural, enfocarei mais especificamente este assunto, como foi a construção deste trabalho e suas nuances.

Sobre o tema da Diversidade Cultural, considero mais do que adequado, considero necessário que o mesmo seja tratado no ambiente escolar, afim de que seja propiciado aos alunos espaços de reflexão, sobre temas às vezes polêmicos, às vezes complexos, como relações de gênero, racismo, classes sociais, violência, etc...

Para Barros (2008, p. 22) é evidente a necessidade de uma educação para a diversidade, entendida menos como uma atitude de respeito passivo e mais como uma forma de estar no mundo, em que a articulação das diferenças se configura como pré-requisito ao desenvolvimento.

Como profissionais da Psicologia temos o dever de estabelecer condições de diálogo, de momentos de “insights”, de momentos de trocas, não só entre professor e aluno como também entre o grupo, havendo assim um crescimento motivacional, cognitivo e afetivo em todos os que fazem essa rede acontecer.

Sobre a experiência educativa Paulo Freire (2004, p. 134) diz que a importância da psicologia na prática educativa, assim como a da sociologia, da antropologia, da filosofia, depende de como manejamos a própria compreensão do que é a psicologia, a tarefa da psicologia – quando não a compreendemos de forma mecanicista, nem a entendemos psicologicamente, ou seja, quando não tentamos reduzir toda a realidade humana à psicologia. Na medida em que a psicologia tenta compreender os seres humanos em suas relações dialéticas, contraditórias com o mundo concreto e pela relação que esse ser humano estabelece com os outros em um determinado contexto que é ao mesmo tempo histórico, social e econômico.

Como docente de Psicologia um dos objetivos era possibilitar o diálogo, e isto, foi o fio condutor nessa atuação. Trabalhei bastante com temas e atividades práticas, como seminários com a discussão de textos, vídeos ilustrativos dos assuntos abordados, e dinâmicas como “O caso Miguel”, “Abrigo subterrâneo” e “Tempestade de ideias”. Essas atividades foram muito bem recebidas pelos alunos, e principalmente as dinâmicas, pois suscitaram muitas discussões entre o grupo de alunos, algumas vezes sendo necessário até mesmo a intervenção docente, pelo “calor” da demanda.

Através dessas atividades mais dinâmicas, em todo seu sentido, trabalhei com os alunos questões sobre como formamos nosso caráter, como surgem nossos preconceitos, como lidar com eles, nossos estereótipos.

A partir dessas atividades mais dinâmicas e práticas, surgiu e cresceu o meu desejo de aprofundar meu conhecimento e estudo sobre a questão da diversidade cultural, pois percebi ser este assunto amplo, rico e apaixonante. Então, procurei embasamento teórico nos textos de Paulo Freire, tornando-me a cada dia mais interessada e envolvida não só com o tema, como também com o fazer pedagógico de uma forma geral.

5 A DIVERSIDADE

Atualmente vivemos um momento social em que são demonstradas muitas manifestações de preconceitos, de intolerância, sejam com negros, índios, nordestinos, mulheres, pobres, entre outros. Nossa sociedade parece, orgulhar-se de mostrar sua face mais

preconceituosa, rancorosa, onde não esconde-se mais para proferir palavras ofensivas (com ressalva às situações que propiciam o anonimato, como a internet) destinadas aos outros – que são ou pensam diferente de si. Nos campos de futebol está tornando-se algo comum jogadores serem chamado de “macaco”, ou serem-lhe destinadas bananas; Outra prática do nosso país é atear fogo em uma pessoa – índios, mendigos – ou agredir homossexuais.

Esse tema tão histórico e ao mesmo tempo tão contemporâneo, provocou indagações, sobre como abordar esse assunto na perspectiva da docência, sendo ainda mais instigante, por tratar-se de um curso direcionado ao trabalho com a saúde, com o cuidado às pessoas.

Morin (2011, p.49), sobre a diversidade nos fala que:

Cabe à educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia da diversidade, e que a da sua diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade.

A palavra “diversidade” lembra-me diverso, múltiplo. Acredito que diverso, nesse sentido é uma palavra que traduz miscelânea, pluralidade, mosaico, onde partes diferentes em si juntam-se para formar um todo.

Ela deve ser entendida em todo seu aspecto social, econômico, político e histórico. Esses contextos sofrem influências diretas desses segmentos; com isso, quero dizer que a diversidade cultural não é algo estático, imóvel, passivo, pelo contrário, como sofre os efeitos de muitos paradigmas, é volátil e vulnerável. Inclusive seu conceito, não é algo totalmente pronto e aceito por todos, da mesma forma. Vários autores discordam sobre o seu conceito e sobre sua real necessidade de ser abordada, enquanto tema na área da educação.

Assim, resolvi focar a diversidade sobre o ponto de vista freireano, que nos fala bastante sobre a necessidade da tolerância ao outro e o respeito às diferenças.

O autor Paulo Freire despertou em muitos o desejo de querer ir além de um fazer pedagógico tradicional e burocrático. Também despertou interesse em pessoas de outras áreas, além da educação; Com uma linguagem simples e acessível apontou para uma sociedade desigual, de classes e oportunidades, referiu que não basta entendermos o homem individualmente, temos que entendê-lo em seu contexto sócio-econômico e político, apontando também para a necessidade de um respeito às diferenças e a diversidade cultural das pessoas.

Freire (1996, p.46) nos diz que uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu.

A diversidade cultural é complexa, nos fala de uma ampla gama de “jeitos”; Esses jeitos – independente de ser por herança ou opção – traduzem que as pessoas são diferentes entre si, e muitas vezes essas diferenças fazem surgir preconceitos, ou ainda, atitudes preconceituosas. Em muitas culturas o preconceito é aceito, faz parte, é dogmatizado, em outras culturas ele é mascarado, escondido, ou manifesta-se de forma “enrustida”, sob o pretexto de bons costumes e respeito, quando, justamente, as posturas são preconceituosas, porque o outro não correspondeu ao seu estereótipo.

Então, quando falarmos de diversidade, devemos também falar sobre o que nos torna realmente “humanos”, o que nos diferencia dos outros seres vivos. Aqui, já relaciono com a questão acima, respostas como o pensamento, a linguagem, a autonomia, a liberdade e a tolerância. Estes são pressupostos que nos distinguem, enquanto seres com capacidade de refletir, decidir, opinar, tolerar, conversar, entender – ou não; Podemos não ter desenvolvido essas habilidades, essas capacidades podem não estar plenamente introjetadas e resolvidas no nosso mundo interno.

No livro *Por uma Pedagogia da Pergunta* (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p.31), tem a referência de que é necessário que aceitemos que existem outros valores, que existem diferenças e que, no fundo, essas diferenças nos ajudam a compreender a nós mesmos e a nossa própria cotidianidade.

Mas, para falar sobre diferenças e como elas se interligam é preciso primeiramente falar sobre semelhanças, pois o conceito de diversidade esta diretamente relacionado a ideia de aceitação – ou não - do outro em sua igualdade e a não-aceitação do outro em suas diferenças.

As semelhanças, ou seja, o que nos é conhecido, na grande maioria das vezes não incomoda; pelo contrário, propiciam uma sensação de familiaridade, de aconchego, e mais, nos coloca na posição de quereremos ser “iguais” aos outros. Com isso, é comum a situação de uma pessoa imitando outra, ou, outras. Isso acontece na moda, nas profissões, nas relações interpessoais de uma forma geral. O natural é que, quando admiramos alguém queremos ser

iguais a essa pessoa, não diferentes dela. Ocorre que muitas vezes essa busca pela semelhança, anula um pouco o nosso eu e deixamos de ser quem na realidade somos, em busca de seguir aquela pessoa ou aquele padrão. Então torna-se necessário pensarmos nessa “semelhança”. Será algo natural essa necessidade de ser igual ao outro? Ou é algo imposto por uma cultura, em que pese apenas padrões e estereótipos?

Macedo (2005, p. 11) nos fala que a função cognitiva da semelhança é possibilitar-nos a organização do conhecido; a própria palavra semelhança quer dizer isso: encaixar, classificar o que quer que seja em termos de algo conhecido (um conceito, ponto de vista ou sentimento). Essa forma de encaixes opera pela lógica das classes, pela lógica dos conceitos. Isto é: diante de algo particular, diferente ou novo, buscamos classificar, conceituar, colocar o particular em um geral, e, portanto, já conhecido, pelo menos como classe. Só que isso tem um preço: a redução das coisas ao conhecido para nós. O preço é pensarmos pela negação, pelo sim ou não. Tal coisa pertence ou não a um conjunto? Serve ou não para isso? O que não serve é excluído, fica sem lugar, fica entregue à própria sorte. Ao mesmo tempo, o que é reunido só o é na condição de obedecer a um critério externo, a um critério que torna as coisas agrupadas por ele equivalentes ou substituíveis entre si.

O que conhecemos, sabemos, via de regra, não nos ameaça, não nos inquieta. Porém, o que nos desestabiliza é o desconhecido, a diferença do outro.

Para muitas pessoas é difícil reconhecer o outro em sua alteridade, não aceitam que este seja diferente, e por acreditar-se superior, tampouco aceitam sua igualdade.

É importante também dizer que uma das coisas que nos liga a esse outro é a palavra, a linguagem, esta, cumpre um papel fundamental nessa troca, nessa interação. O dito e até o não dito são fatores que influenciam diretamente nosso repertório interno, que, juntamente com outros fatores formarão nossas possibilidades de respostas a cultura.

A palavra é simbólica, remete a uma ação de fazer, de instrumentalizar as relações, através dela, ocorrem as trocas, a integração – ou não – com o outro. Pela sua importância nas relações, coloco a palavra, como linguagem, como direcionante na questão da diversidade, é ela que irá falar-me sobre a tolerância com o ser diferente.

Outro aspecto muito relevante na diversidade é a reflexão sobre o papel da cultura, enquanto saber, e espaço de trocas desses saberes. Ela também é um tema extremamente importante no presente trabalho, sendo vista como a que faz as inter-relações, faz a rede entre os sujeitos e seus saberes, sejam eles individuais ou coletivos. À cultura cabe a função de fazer a roda girar, proporcionando encontros e desencontros entre as pessoas, bem como fazer

a miscelânea das diversidades acontecer. Por isso, trago o conceito de alguns autores sobre o que é cultura, como se desenrola, e suas implicações na diversidade.

Cultura também é um conceito importante no contexto deste trabalho. O conceito de Morin (2011, p. 50) me parece fundamental, pois ele afirma que:

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, dos fazeres, das regras, das normas, das proibições, das estratégias, das crenças, das ideias, dos valores, dos mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

Para Freire e Faundez (1985, p.31), a cultura não é apenas a manifestação artística ou intelectual que se expressa através do pensamento; a cultura se manifesta acima de tudo nos gestos mais simples da vida cotidiana. Cultura, são todas as manifestações humanas, inclusive a cotidianidade e, fundamentalmente na cotidianidade está a descoberta do diferente, que é essencial.

A cultura pode ser entendida como uma possibilidade de relação entre os sujeitos, entrando como uma via de contato dele com o “outro”. Além de ser extremamente necessária a nossa formação pessoal e social, a cultura é também decisiva para que ocorra a socialização entre a identidade e a alteridade, entre o dito e o não dito.

Paulo Freire também nos fala da necessidade dessa convivência, esta se dando em um plano da ética e do dialogo. Com isso percebemos como o pensamento de Freire é atual e necessário no nosso momento histórico-social. Sendo a cultura entendida como possibilidade de socialização da palavra, de cooperação, de respeito e de transitoriedade de afetos e construções.

Nesse trabalho é também necessário que seja falado sobre preconceito, o que é, como se faz presente, e como apresenta-se – ou não – nas relações sociais.

O preconceito é, como já diz a palavra, um pré-conceito, ou seja, muitas vezes, baseado em desconhecimento, nos posicionamos de forma alheia, adversa, ao que não conhecemos. Nessas situações, adquirimos uma postura de inquisição ou de intolerância, agindo de forma negativa, com relação aquilo que nos incomoda. Porque, na realidade, é isso que acontece, o que suscita o preconceito, é algo que está incomodando a pessoa preconceituosa. Seja a etnia, a cor, a classe social, a orientação sexual, enfim, todo o leque de diversidades que existem, quando apresentam-se de forma diferente do que a pessoa espera, ela, em muitas situações, repudia ou nega um afeto, ou ao menos a cordialidade e o respeito.

O preconceito pode ser entendido como uma impossibilidade de flexibilidade, de abertura ao diálogo, ao outro. Expressa uma rigidez de conceitos e atitudes, absolutizando certos valores como universais e únicos, e estes acabam sendo uma fonte de negação da alteridade.

Esse preconceito é expresso, fundamentalmente, no terreno da diversidade cultural, pois, através da sua intransigência, a pessoa preconceituosa, demonstra extrema dificuldade em aceitar e lidar com o diferente.

Mas, teoricamente, as pessoas podem escolher que caminho a seguir, ou assumindo-se como preconceituosas, ou buscando reinventar as relações, de uma forma mais tolerante e livre de estereótipos. Por isso, é necessário falar-se também sobre a liberdade. Sendo que esta, muitas vezes, não é fácil de ser exercida, requer coragem e discernimento, onde temos que assumir posicionamentos.

Agimos de acordo com nossas escolhas e percepções, isso então, ancorado nos ideais de liberdade, nos auxilia, no que consideramos como certo ou não.

A liberdade é, ao mesmo tempo, a maior possibilidade que os seres humanos têm e o maior risco de suas vidas. Porque a temos, podemos construir nossa identidade e interferir no mundo da melhor ou pior maneira (PONCE, 2000, p. 90).

Para aceitarmos o outro em sua plenitude, sem a censura ou o olhar crítico, é necessário a tolerância, esta sendo referendada, principalmente por Paulo Freire, como um dos alicerces da relação com o outro.

Segundo Pinheiro (2010, p. 42) não há, nas sociedades atuais, um Estado que possa perfazer a condição de totalmente igualitário. Encontramos uma multiplicidade de valores e culturas no seio de cada faceta desse pluralismo, sabendo garantir a alteridade de todo cidadão do Estado contemporâneo. E a democracia tem por obrigação respeitar cada faceta desse pluralismo, sabendo garantir a alteridade de todo cidadão do Estado.

Paulo Freire nos fala em tolerância, não como um “favor” de aceitar o outro, mas sim como um respeito ao outro, em suas diferenças. A tolerância é a mola propulsora das relações humanas, é a estrutura, cabendo à ela propiciar o espaço para que possa haver a justiça, a harmonia e o diálogo entre as diferentes pessoas. Tolerância no sentido de nos assumirmos como portadores de jeitos diferentes de ser e assim, convivermos coletivamente.

Freire (2004) também nos fala em tolerância, não como condescendência ou indulgência que uma pessoa tem com outra, não como um favor do tolerante ao tolerado, pois neste caso, o tolerante é visto como sempre pronto a perdoar o outro. Nisto está escondido a rejeição, a desconfiança e o sentimento de superioridade do “tolerante”.

Este autor, fala em tolerância como virtude da convivência humana, não com o “inferior”, mas com o diferente.

Nesse tema da Diversidade procurei fazer uma caminhada teórica, com o objetivo de tornar claro o entendimento sobre o assunto, dada a sua importância e profundidade.

Para que a diversidade cultural seja respeitada em todas as suas formas e expressões, é necessário que tenhamos, enquanto seres humanos, ética, tolerância e respeito aos diferentes povos, às diferentes culturas; Enfim, a diversidade cultural – que designa diferenças de raça, gênero, idade, religião, entre outras – deve ser compreendida em toda sua complexidade, sem, contudo, exigir a igualdade pela igualdade, mas sim, igualdade nos direitos e deveres, e respeito à todos seres humanos, com toda sua subjetividade.

6 A DIVERSIDADE NO CTRIS

A escola é um ambiente de emoções. De embates, de posições, de retomadas e assuntos, construções. Essas são palavras que me vêm a lembrança quando penso no espaço escolar, e ela, como todo movimento dinâmico, nos faz sair da inércia, da lentidão.

Segundo Veiga (1995, p. 22) “a escola é concebida como espaço social marcado pela manifestação de práticas contraditórias, que apontam para a luta e/ou acomodação de todos os envolvidos na organização do trabalho pedagógico”.

O estágio curricular de Licenciatura em Psicologia, na Escola de Saúde do GHC, foi uma experiência enriquecedora e bastante gratificante, pois, apesar de já atuar como docente, deparei-me com o ensino no campo da ética. Foi algo que, primeiramente provocou-me uma certa inquietação e após, encarei como mais um desafio no meu percurso de vida. Inicialmente, procurei entender o movimento de “ensinar ética”, e aos poucos, fui encontrando essa ética no meu mundo interno, e fui percebendo o que era ética para mim. Em um segundo momento, fui procurar “pistas” de qual caminho seguir neste ensino, tão novo e tão desafiador.

O trabalho como docente nos traz vida, movimento, exigindo respostas pensadas ou não, atitudes, tomada de decisão, enfim, é uma possibilidade única de nos reinvertarmos como seres criativos e críticos, neste sentido, acredito, como Paulo Freire, que “quem forma, se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1996, p.24).

Tive receio de ficar apenas em questões morais, por isso, procurei, principalmente, trazer para o grupo espaço de reflexão e de oportunidade para pensarmos criticamente.

Com relação ao ato moral, Ponce (2000, p.91) nos diz que:

Tem que ser composto não apenas pela obrigação social ou pela obediência às regras, mas também pela escolha do indivíduo que o realiza, senão perderá o seu conteúdo fundamental. É também um exercício da autonomia, uma segurança pessoal construída cotidianamente por meio do aprendizado de um pensar responsável e reflexivo, que pressupõe um repertório cultural constantemente revisto.

No trabalho realizado, era necessário que os alunos conseguissem perceber a diferença entre moral e ética, pois são conceitos que se entrelaçam, então, como uma primeira provocação aos alunos, questionei “o que era ética para eles”, fui percebendo, então, que sentiam-se inseguros sobre o tema, ou sobre sua real função na disciplina. Então, propus pensarmos ética de uma forma prática, dentro de uma perspectiva ativa, no contexto da cotidianidade.

Essa forma de trabalhar pedagogicamente, dentro de uma perspectiva de construção com os alunos foi necessário, pois, notei sua desconfiança e inquietação com o tema. A partir daí, procurei teoricamente um embasamento para este fazer pedagógico; encontrei, além do educador Paulo Freire, o filósofo Gadamer, que tranquilizou-me de que estava em um caminho coerente com a sua forma de ver e viver a filosofia.

Gadamer (1983, p.105) diferencia a filosofia prática da filosofia teórica, definindo a filosofia prática como a ciência que trabalha com as questões da ação humana e também como aplicações das teorias científicas a técnicas, constituindo a tecnologia; é também um saber em geral sobre o agir e o fazer humano que pode ser ensinado.

Começamos então, enquanto grupo, a pensar sobre a ética que está presente no nosso dia-a-dia, no nosso cotidiano, naquilo que normalmente não paramos para pensar.

Pensamos em nossos preconceitos, nossas intolerâncias, como eles se apresentam e como se camuflam no nosso interior, sob o manto do respeito, dos costumes, da boa convivência. Essas e outras questões eram enlaçadas com as vivências trazidas pelo grupo de alunos, que participavam ativamente relacionando os conceitos com sua prática cotidiana.

Freire e Faundez (1985, pg. 16) nos diz que:

o pior das exigências da cotidianidade tão demandante do silêncio é o sentimento às vezes pouco velado que o contexto alimenta, intolerante, contra os que carregam no seu corpo o ritmo, o som, a voz que se ouve, considerando-os representantes de culturas inferiores, pouco civilizadas. A intolerância é sempre preconceituosa.

Como nos diz Paulo Freire, em muitas situações, até sem nos darmos conta, agimos de modo intolerante, arrogante, sem conseguir fazer um movimento que seria tão necessário nas nossas relações cotidianas, que é colocar-se no lugar do outro, olhar pelo seu olhar. E, de uma forma utópica, seria necessário que desejássemos o crescimento de outro em sua individualidade, possibilitando a este um pensamento autônomo.

Para Freire e Faundez (1985, p.16) “umas das características fundamentais da experiência na cotidianidade é exatamente a de que nela nos movemos, de modo geral, dando-nos conta dos fatos, mas sem que necessariamente alcancemos deles um conhecimento cabal”.

A reflexão então, tornou-se um norte, uma bússola na minha ação pedagógica, com isso, tirei os alunos de sua zona de conforto, pois, em um primeiro momento mostraram-se inquietos, incomodados; Pediram mais “conteúdos”. Dessa forma, muito sutilmente coloquei para eles, através do “conteúdo”, que “ética não se ensina. A reflexão ética, sim, se pratica. O objetivo de uma disciplina chamada de Ética é justamente estimular o aluno a refletir eticamente, para que saiba, diante de uma questão ética, encontrar a melhor solução”. (ÉTICA, [2010?]).

No entanto, fui percebendo que essas “resistências” – de algumas pessoas do grupo – necessitavam ser trabalhadas, expostas; pois, enquanto não fossem desconstruídos pré-conceitos existentes no grupo, seria mais difícil um claro entendimento da disciplina.

O filósofo Gadamer (1983) preocupou-se em valorizar o elemento estético na experiência humana, bem como a força formativa da tradição e dos pré-conceitos, valorizando-os em vez de eliminá-los pela crítica que os considera ideológicos. Pré-conceitos existem como realidades vivenciadas pelos sujeitos e formadas a partir de contextos culturais, históricos e sociais, por isso, é preciso compreendê-los.

Nessa desconstrução comecei primeiro com a indagação sobre o que é ser “humano”; Percebi também que o grupo necessitava ter o “encontro” com esse “eu”, isso incluindo todas as suas nuances, suas características, seus vínculos, suas escolhas, para depois, ver e perceber a necessidade do “encontro” com o outro. Antes de vermos questões relacionadas à pré-conceitos, foi necessário “saber-se diferente”, para após marcar essas diferenças, entender a diversidade humana. Isso necessariamente relacionava-se com o cuidado consigo e com o outro.

Acredito que a Diversidade Cultural relaciona-se com isso, com o cuidado com o outro, com a relevância que esse outro adquire em nossas vidas. Esse cuidado requer atenção, afeto, alteridade, preocupação e posicionamento. Para compreendermos a diversidade é

necessário o respeito e a valorização ao outro enquanto sujeito, numa perspectiva ética e também solidária.

A partir de diálogos mais abertos com os alunos e dessa “visita” ao seu mundo interno, pude perceber uma positividade maior nas atitudes dos alunos. Passaram a ser mais participativos, e então fomos aprofundando cada vez mais os temas em debate.

Também chamou minha atenção a necessidade dos alunos por uma avaliação mais formal, desde o início das aulas, questionavam se faríamos avaliações com notas, conceitos. Essa “avaliação” teve bastante relevância para o grupo, como tratava-se de adultos jovens ou maduros, entendi tratar-se de práticas pedagógicas enraizadas em suas vivências como alunos. Tive necessidade de rever com os alunos conceitos simples, que fazem parte do nosso cotidiano, e que tem relação com o tema da diversidade cultural, como por exemplo: cidadania, liberdade, escolhas, sociedade.

Aqui trago o educador Paulo Freire, como inspirador desse meu fazer pedagógico. Cito, por exemplo, seu pensamento no livro Educação como prática de liberdade, quando diz que “nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade” (FREIRE, 1975, p.40).

Foi de fundamental importância nesse estágio, o aprendizado sobre o funcionamento pedagógico de uma sala de aula, pois o grupo teve movimentos de inclusão, questionamentos e assimilação de conhecimentos. Durante toda a minha prática pedagógica procurei ser coerente com o projeto político pedagógico da escola GHC, que tem como base a pedagogia libertadora e problematizadora, de Paulo Freire.

Por fim, conseguimos fazer com que o grupo se comprometesse com o seu processo de aprendizagem, apesar das desconfianças iniciais, percebidas, através de questionamentos e posturas, sobre porque estudar Ética, qual a real necessidade deste estudo.

Acredito que os alunos tinham a disciplina no início do primeiro semestre como supérflua, talvez até mesmo, como uma perda de tempo. Creio, que após todo esse tempo em que ficamos nessa relação de ensino-aprendizagem, essa visão distorcida e simplista, mudou, ou melhor, foi refeita, pois, procurei auxiliá-los a pensar que, para que exerçam essa função de cuidado do outro – mesmo que indiretamente – é necessário primeiramente saber respeitar, tolerar, conviver e dialogar com o outro, apesar de nossas diferenças e individualidades.

7 CONCLUSÃO

O objetivo era fazer um trabalho de conclusão de curso, para obter o título de Licenciada em Psicologia. Era necessário um tema, um assunto. Então, resolvi fazer o meu trabalho sobre a diversidade cultural, embasado pela minha experiência como docente na área da saúde.

Parecia-me um tema relevante, com material vasto. Pesquisar, fazer a articulação do trabalho e encerrar. Mas, como a vida sempre nos reserva surpresas, já no início do trabalho, deparei-me com um tema que eu não tinha muita noção do quanto era amplo, o quanto tinha vieses, e de como era profundo e necessário.

Não sabia que eu ia ser tão tocada pelo tema, e que este ia despertar-me tantas reflexões. Comecei a pensar no todo, no social, nas pessoas que são vítimas de preconceitos, nas pessoas preconceituosas, em minha formação profissional – como a teoria psicanalítica aborda a diversidade cultural? – em minha responsabilidade como docente em Psicologia – formar cidadãos críticos, que consigam enxergar com seus próprios olhos e não apenas pelo olhar da mídia, do discurso “politicamente correto”.

O aprofundamento sobre o assunto da diversidade cultural – principalmente sob o enfoque da cultura – despertou em mim o desejo de continuar estudando este tema, entender as raízes dos nossos preconceitos e estereótipos, enfim, continuar neste caminho iniciado durante o estagio no GHC.

Percebo-me mais sensível para escutar o outro, no contexto de sua diferença, de sua diversidade. Comecei a refletir sobre temas como tolerância, cuidado, alteridade, relações pessoais e sociais.

Com este trabalho passei a entender e aprofundar-me mais nas leituras do grande autor Paulo Freire, com o qual já tinha familiaridade desde o magistério. Antes, já era uma admiradora de suas ideias e com a construção deste trabalho, passei a ser ainda mais. Agora, conheço melhor sua obra e sua leitura de mundo, que deveria ser lido e entendido por todas as pessoas, dada sua importância na nossa atualidade. Hoje, considero Paulo Freire um grande sábio e um grande homem.

Por fim, agradeço ao Grupo Hospitalar Conceição – GHC – pela oportunidade deste estágio.

Agradeço também a minha orientadora Rosângela, pela acolhida, paciência e pelos ensinamentos.

E agora, para finalizar, cito uma frase (como não poderia deixar de ser) de Freire (1996, p.152):

É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil.

REFERÊNCIAS

BARROS, J.M. Cultura, Diversidade e os desafios do desenvolvimento humano. In: BARROS, J. M. (Org.). **Diversidade cultural: da promoção à proteção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ESCOLA GHC. **Ementa do curso Técnico em Registro e Informações em Saúde**. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://escola.ghc.com.br/index.php/cursos/escolaghc/cursos/tecnicoemregistro>>. Acesso em: 15 out. 2014.

ÉTICA e bioética : ensino e aplicação. [2010?]. Disponível em: <<http://www.cybersociedade.com.br/etica-e-bioetica-ensino-e-aplicacao/>>. Acesso em: 15 out. 2014

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e comunicação: v. 15).

FREIRE, P.; **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1975.

GADAMER, H.G. **A razão na época da ciência**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1983.

LEITE, S.A. Psicologia no Ensino Médio: desafios e perspectivas. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, v.15, n.1, p.11-21, 2007.

MACEDO, L. **Ensaio pedagógico: como construir uma escola para todos**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

PINHEIRO, C.M.; Tolerância e respeito à alteridade em uma educação democrática. In: GUÉRIOS, E.; STOLTZ, T. **Educação e Alteridade**. – São Carlos: EdUFSCar, 2010.

PONCE, B.J. Um olhar sobre a ética e o compromisso. In: ROMERO, Alice et al. **Um olhar sobre a escola**. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2000. (Série de Estudos. Ed. a distância. v.12).

TONNETTI, F.; MEUCCI, Flávio. **Ética, medo e esperança**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção Miniensaios de Filosofia).

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).